

JOVENS MULHERES NEGRAS E DESEMPREGADAS

Josilene Maria de Oliveira (PPGSS/UEPB)¹

Patrícia Cristina de Aragão Araújo (PPGSS/UEPB)²

RESUMO:

Este artigo visa trazer algumas reflexões sobre as taxas de desemprego entre as juventudes, em especial, para a jovem negra, que é o segmento populacional mais afetado pela “desocupação” no Brasil. Para isto, a partir das análises de dados oficiais e bibliografia que tratam da temática, temos o intuito de pautar as dificuldades em ser mulher, jovem e negra no mundo do trabalho neste país.

Palavras – chaves: Desemprego. Jovens negras. Juventudes.

RESUMEN:

Este artículo pretende dar algunas reflexiones sobre las tasas de desempleo entre los jóvenes, especialmente para las jóvenes negras, que es el segmento de la población más afectados por la "expulsión" en Brasil. Para ello, a partir del análisis de los datos oficiales y de la literatura que se ocupan de este tema, tenemos la intención de gobernar las dificultades de ser una mujer, joven y negra en el mundo del trabajo en este país.

Palabras claves: Desempleo. Niñas negras. Juventudes

¹ Mestranda em Serviço Social
E-mail: josissmaria@yahoo.com.br

² Professora do Mestrado de Serviço Social.
E-mail: crisrina-aragao21@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A carne mais barata do mercado é a carne negra. Que vai de graça pro presídio. E para debaixo do plástico. Que vai de graça pro subemprego. E pros hospitais psiquiátricos. A carne mais barata do mercado é a carne negra. (Elza Soares)

A presença da discriminação racial se acumula à ausência de equidade entre os sexos, aprofundando desigualdades e colocando as afrodescendentes em situação mais complexa quando comparada aos demais grupos populacionais – homens negros e não-negros e mulheres não-negras. Elas são a síntese da dupla discriminação de sexo e cor na sociedade brasileira: mais pobres, em situações de trabalho mais precárias, com menores rendimentos e as mais altas taxas de desemprego.

Em se fazendo o recorte geracional temos que o índice de desempregos entre jovens negras é bem elevado e neste contexto, temos ainda uma influência significativa da divisão sexual tradicional do trabalho, que define as atividades masculinas e femininas e ajudam a aprofundar a problemática apontada acima, é nesse aspecto que iremos pautar este artigo.

A luta do movimento feminista negro, nos oportunizou pensar as implicações de ser jovem, mulher e negra no mundo do trabalho, principalmente, por conta do nosso espaço de atuação profissional³, que nos permite uma análise maior sobre este cenário, em que o desemprego estrutural é uma das muitas expressões da Questão Social que afetam as juventudes.

A perspectiva deste trabalho, a partir da análise de dados oficiais sobre o desemprego entre a população jovem e especial entre as jovens negras, foi pautado nas considerações de Gonzales (2009) ao tratar da inserção das juventudes no mercado de trabalho e como esta, se processa em muitos casos, de forma precária. Com os escritos de Carrochano (2011) foi possível a análise dos dados oficiais no que tange a empregabilidade das juventudes, e em especial, poder comparar com os recursos destinados as políticas públicas para este estrato populacional. Estes autores, bem como Lisboa (2010), que nos possibilita uma reflexão sobre o olhar das mulheres sobre sua condição e a possibilidade de enfrentamento a estas problemáticas, são relevantes para nossa compreensão do lugar das juventudes, a partir de um recorte étnico e de gênero.

³ Estando na coordenação do Sistema Nacional de Empregos – SINE, em Campina Grande-PB, algumas situações nos levaram a refletir sobre o lugar da jovem negra no mercado de trabalho, baseado nas nossas observações diárias.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste artigo, utilizamos a análise de dados oficiais sobre o desemprego no país e a partir disto, feito o recorte geracional, étnico e gênero. Nos aspectos relacionados a compreensão destes dados, realizamos uma análise bibliográfica, com autores que pautam as juventudes e também os aspectos relacionados a geração de emprego e renda para este segmento da população. Também foi feita a leitura de matérias de jornais e blogs especializados.

Este processo foi fundamental para garantir uma maior reflexão sobre como as jovens negras são as mais afetadas pelo desemprego no país e buscar uma maior compreensão desta problemática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para compreendermos o contexto do desemprego entre jovens negras precisamos visualizar o “local do feminino” na história da humanidade e isto nos revela que foi colocado às mulheres atividades consideradas aptas ao seu universo, como o cuidado com a prole, a família, a casa e em algumas situações a interação ou ajuda a comunidade. Temos, nestes aspectos, a construção cultural do que seriam atividades masculinas e femininas, o que acaba por segregar o trabalho feminino, inclusive lhe atribuindo um valor diferenciado.

Ao longo das últimas décadas, temos presenciado algumas tendências na inserção laboral da mulher no Brasil, marcada por progressos e retrocessos, pois se de um lado temos o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, do outro lado temos um maior desemprego entre mulheres e a má qualidade do trabalho destinado a este segmento. Se temos a conquista de bons empregos em cargos de chefia e direção por parte de mulheres escolarizadas, por outro lado, temos o predomínio da presença feminina em atividades precárias, informais e mal remuneradas.

Ressaltamos que o movimento feminista a partir de suas ações e pluralidade de propostas para os variados segmentos de gênero e várias correntes teóricas, contribuiu e contribui significativamente para o questionamento e enfrentamento a esta divisão sexual do trabalho, propondo um novo olhar para as mulheres, com vistas a mudar a lógica das relações de poder posta na sociedade vigente na perspectiva da emancipação feminina, como aponta Lisboa (2010, p 65).

Para melhor explicitarmos as questões relacionadas ao desemprego de jovens mulheres negras, temos que colocar que as juventudes são o segmento populacional mais afetado pelo desemprego no Brasil, como apontam os dados da Organização Internacional do Trabalho – OIT 2013, pois a média da população desempregada no país é de 6%, entre jovens é de 13%, ou seja, mais que o dobro da média nacional.

Começa-se os desafios, pois para pautar políticas públicas voltadas a questão do trabalho se faz necessário levar em consideração estes dados, para que as mesmas não permaneçam resumidas a uma série de programas e projetos emergenciais e focais a exemplo do Programa Primeiro Emprego, que reconhecemos, merece ser devidamente avaliado.

Reforçamos que a temática Trabalho é pauta permanente de reivindicações das juventudes, já que a necessidade de trabalhar está ligada a própria construção da identidade juvenil e uma trajetória de inserção social. Também colocamos que é primordial ter alternativas de geração de emprego e renda para que se leve em consideração as necessidades específicas de grupos juvenis, tais como jovens da cidade, do campo, quilombolas, indígenas uma vez que estas são singulares dificuldades destes no Mercado de Trabalho. Ainda temos que jovens de renda mais baixa enfrentam dificuldades para encontrar trabalho, em especial negros e mulheres.

Segundo a Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude, elaborada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, para uma inserção digna no mercado de trabalho, com igualdade de tratamento e oportunidade, é fundamental ações com vistas ao trabalho decente, que inclua atividades voltadas a melhoria da empregabilidade, elevação da escolaridade e o estímulo a qualificação profissional.

Observamos, porém, que o mesmo documento reconhece que além das dificuldades de conseguir um lugar no mercado de trabalho, tem-se que considerar que os/as jovens estão sujeitos as piores condições de trabalho e aos mais baixos salários, e mesmo quando empregados/as no mercado formal a situação se agrava entre jovens de família de baixa renda, do sexo feminino, de cor negra e moradoras de áreas metropolitanas, mais precisamente das periferias ou de determinadas áreas rurais.

No campo das políticas públicas, o Orçamento Juventude 2003 – 2010, no tocante ao Trabalho e a Renda, considera programas desta área aqueles que proporcionam a obtenção da autonomia financeira as juventudes brasileira e garantem aos/as jovens alguma fonte de renda.

Estes programas foram gerenciados pelo Ministério do Trabalho e Emprego - MTE e Ministério da Defesa - MD. Os programas seriam: jovem empreendedor; Gestão da política de defesa (ação: soldado cidadão); Primeiro emprego; Assistência e cooperação das forças armadas à sociedade (ação soldado cidadão); Qualificação profissional e social do trabalhador; Trabalho legal / rede de proteção ao trabalho; Gestão da política de trabalho, emprego e renda; Adestramento e operações militares do exército (preparo e emprego da força terrestre); adestramento e operações militares da aeronáutica (preparo e emprego da força aérea); adestramento e operações militares da marinha (preparo e emprego do poder naval); Ensino profissional da marinha; Ensino profissional do exército; Ensino profissional da aeronáutica; Economia solidária em desenvolvimento; Organização produtiva de comunidades pobres – Programa Nacional de Geração do Emprego e Renda - PRONAGER.

Destes 15 programas, 08 são ligados ao Ministério da Defesa, e estes em sua maioria, tiveram os programas executados, dos demais programas o que teve maior execução foi o que qualificação profissional, gerido pelo MTE. Foram destinados mais de 3 bilhões de reais, em que deste montante, 78,29% foi executado, mas como observamos anteriormente, em programas ligados ao MD, como visualizamos ao analisar a referida cartilha sobre o Orçamento Juventude.

Compreendida as dificuldades de pensar as políticas públicas para o trabalho e geração de renda para as juventudes, temos que começar a falar em desemprego juvenil, para que possamos ver o reflexo mais amplo das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, e assim Gonzales (2009, p 111) nos diz que o desemprego não está circunscrito apenas aos/as jovens, mas os/as afetam mais intensamente no tocante as oportunidades de trabalho. Ainda aponta que a saída da escola e a entrada no mundo do trabalho são dois processos importantes para a própria caracterização da juventude no ciclo da vida, mas em muitos exemplos o que o corre é que os/as jovens que saem da escola tem mais dificuldades em se empregar ou manter o mesmo.

Diante disto temos algumas problemáticas: trabalho precoce; divisão sexual tradicional do trabalho; um número expressivo de jovens que nem estudam nem trabalham, e é importante frisar que neste último caso há uma presença significativa de jovens mulheres que ainda estão “dedicadas” aos cuidados domésticos e familiares.

Para Gonzales (2009, p 115), todos os indicadores sugerem que a inserção de jovens no Brasil ao mercado de trabalho se dá de forma precária e difícil e são facilmente o grupo etário mais desfavorecido pelas condições restritivas de emprego e

como se não bastasse também reproduzem, em si, as desigualdades de gênero, de renda [e étnica] presentes na população brasileira.

Estudos da Organização Internacional do Trabalho – OIT, apontam que em 2005 a taxa de desemprego entre jovens era de 16,4%, em 2011 estava em 13,9% e dados recentes ainda atribuem aos/as jovens 13%. Mediante estas informações Gonzales (2009, p 117) apresenta três grandes desafios para as políticas públicas destinadas a este segmento.

O primeiro seria preparar a transição escola/trabalho; o segundo que é prolongar o tempo de escolarização dos/as jovens, que acaba por retardar a sua inserção no mercado de trabalho, e o terceiro desafio seria exatamente, criar estratégias que permitam coincidir mundo do trabalho e continuidade dos estudos.

Há quem questione se de fato existe o desemprego juvenil, e Carrochano (2011, p 26) diz que a juventude brasileira é trabalhadora, baseada no argumento de que 55% dos/as jovens trabalham, mas na contra mão, como estão os outros 45%? Ocorre que no Brasil, como em outros países da América Latina, o crescimento econômico não trouxe melhorias relevantes nas chances e na qualidade da inserção dos/as jovens no mercado de trabalho. O fato é que boa parte da população de jovens ou está procurando emprego ou trabalha de forma precária.

Na análise de Carrochano (2011) algumas questões precisam ser consideradas para a possível explicação do desemprego juvenil, que seriam para além do crescimento econômico insuficiente – uma vez que este crescimento melhora a situação do desemprego entre jovens, mas não o torna menor – tem a questão do menor investimento na qualificação e treinamento de jovens, a demanda do mercado por experiência profissional, a escolaridade – que mesmo não sendo garantia de melhor posto de trabalho “melhora” o lugar na fila do desemprego.

O outro agravante seria a informalidade, pois ainda segundo Carrochano (2011, p 28) este índice é ainda maior entre jovens e para exemplificar expõe que em 2006 o Brasil tinha 18 milhões de jovens ocupados/as, destes 11 milhões, ou seja, 60,5% estavam no mercado informal.

Carrochano (2011) acrescenta que jovens mulheres, negros e moradores de áreas metropolitanas e determinadas áreas rurais apresentam maior taxa de informalidade se comparados com outros grupos. Diante dos dados por região, temos outro dado que merece destaque e está diretamente ligada a problemática desemprego/sexo, levando em consideração que estamos fazendo o recorte geracional, temos estes índices por sexo:

Sexo	%
Feminino	23
Masculino	13,8

Fonte: pesquisa de Carrochano 2011

Estes dados que estão neste quadro, nos apresentam a disparidade que existe entre os sexos e a taxa de desocupação entre os mesmos, lembrando que em nenhum momento estamos analisando jornada de trabalho, remuneração e emprego formal. Agora, para melhor explicitar o que representa o desemprego para a jovem negra temos os dados que fazem o recorte geracional, de sexo e de cor, para que possamos compreender como o desemprego afeta a este segmento populacional, assim:

Desempregado/a por sexo e cor	%
Jovem branco	16,7
Jovem negro	18,7
Jovem branca	21,2
Jovem negra	24,7

Fonte: pesquisa de Carrochano (2011)

Este quadro nos mostra que o desemprego é marcadamente maior entre as jovens mulheres e se avaliadas no critério cor os/as negros/as levam desvantagem, mas a situação mais alarmante está para a jovem negra. Como bem apontaram os autores, o desemprego não é exclusivo das juventudes, porém, para a jovem mulher negra é um desafio muito maior a ser superado.

4 – CONCLUSÃO

Recentemente, vimos dados que nos colocam que as mulheres ocuparam 50% das vagas de emprego criadas nos últimos três anos. Este dado foi trabalho como sendo resultado de uma série de ações governamentais com vistas a garantir uma maior autonomia das mulheres, tais como o Programa Bolsa Família, o Programa Minha Casa Minha Vida, Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC, Programa Universidade para Todos – PROUNI, pois segundo a Presidenta Dilma Rousseff, “a mulher tem um papel central no cuidado com a família e com a casa”.

Compreendemos a importância de dar a mulher este papel central nos programas, mas diante da afirmação acima, articulada com as taxas de desemprego já expostas, precisamos refletir que, os setores que mais absolvem a mão de obra feminina

ainda são os ligados aos cuidados de outras pessoas, que acaba por reforçar este local da mulher em sociedade. Outro aspecto relevante a considerar é a jornada de trabalho, pois segundo matéria lida recentemente aponta que os jovens, mais especificamente, as negras, deixam de estudar para garantir o seu emprego. Isto implica dizer que a escolarização não é compatível com a jornada de trabalho a qual estas jovens estão submetidas.

Precisamos apontar ainda mais duas problemáticas, que são a remuneração destas jovens e principalmente, a tão exigida experiência profissional. Mas, responder estas questões é tema de outro artigo, mas não podemos deixar de colocar que segundo dados da OIT 2013, como já mencionamos anteriormente, a taxa de desemprego da população é de 6%, um dos menores da média brasileira, e que em decorrência disto alguns apontam o Brasil como estando em pleno emprego.

Precisamos reforçar que esta mesma pesquisa traz que 13% dos jovens estão desempregados e o mais agravante é a estratificação que ela nos fornece, tais como: se a média de desemprego entre jovens é de 13%, para o jovem negro é de 14%, se jovem branca é de 16%, mas para a jovem negra é de 18%.

Se avaliarmos estes dados e os apontados pela pesquisa de Carrochano (2011), temos uma redução nos índices de desemprego, talvez por influência das políticas focalizadas como vimos, porém não ameniza o fato de que o desemprego para a jovem negra é o triplo do desemprego da média nacional.

Este trabalho nos permitiu uma maior reflexão sobre o lugar da jovem negra no mundo trabalho e principalmente, o quanto este universo ainda está pautado na divisão sexual tradicional do trabalho e o quanto esta divisão atinge diretamente um estrato específico da população brasileira, ou seja, o desemprego neste país tem um sexo, uma idade e uma cor.

REFERÊNCIAS

B. Laíse. **Toda feminista é mal amada.** Disponível em: <http://cronicamentecarioca.com.br/2014/02/04/toda-feminista-e-mal-amada>, acessado em 07/03/2014.

Cartilha Agenda Nacional para o Trabalho Decente. Ministério do Trabalho e Emprego – 2010;

CARVALHO, Grégory. EGHRARI, Iradj Roberto. **Orçamento Juventude 2003 – 2010. Uma proposta metodológica para o controle social das políticas públicas de juventude.** Brasília: Ágere Cooperação em Advocacy, 2010;

CASTRO, Mary Garcia. ABRAMOVAY, Mirian. LEON, Alessandro de. **Juventude: tempo presente ou tempo futuro? Dilemas em propostas de políticas de juventudes.** São Paulo: GIFE – Grupo de institutos, Fundações e Empresas, 2007;

Carrochano, Maria Carla. **Um balanço das políticas.** In: Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil. **Org:** PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia de. São Paulo: Peirópolis, 2011;

GONZALES, Roberto. **Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída?** In: CASTRO, Jorge Abrahão. Juventude e política social no Brasil. Brasília: IPEA 2009;

JUVENTUDE BRASILEIRA, ALTOS ÍNDICES DE INFORMALIDADE. Disponível em: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_canal=31&cod_noticia=12819. Acessado em: 09/03/2014.

LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero, feminismo e Serviço Social: encontros e desencontros ao longo da história da profissão.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/08.pdf>, acessado em 17/10/2013;

MACHADO, Charlinton José dos Santos. SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Gênero e práticas culturais; desafios históricos e saberes interdisciplinares.** Campina Grande: ADEUPB, 2010.

MULHERES EM MOVIMENTO: A POSIÇÃO DA MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO. Disponível em: http://www.uneafrobrasil.org/site/mulheres_mercado_trabalho.php Acessado em: 09/03/2014.

OS NEGROS DEIXAM MAIS A ESCOLA. Disponível em: http://www.jornaldaparaiba.com.br/noticia/138166_negros-deixam-mais-a-escola acessado em 02/11/2014 as 22:21

PINHEIRO, Luana. SOARES, Vera. **Brasil, retrato das desigualdades gênero e raça.** Brasília, IPEA/UNIFEM – 2008.

SCHERER, Giovane Antônio. **Serviço social e arte: juventudes e direitos humanos em cena.** São Paulo: Cortez, 2013;

Você já pediu seu aumento hoje? Disponível em: <http://thinkolga.com/2013/06/04/voce-ja-pediu-seu-aumento-hoje>. Acessado em 07/03/2014